



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

GILSON GRACIANO DOS SANTOS

INFLUÊNCIAS AFRICANAS NA BAHIA: RELIGIÕES E LÍNGUAS

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

GILSON GRACIANO DOS SANTOS

INFLUÊNCIAS AFRICANAS NA BAHIA: RELIGIÕES E LÍNGUAS

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como pré-requisito para obtenção parcial de título de Bacharel em Humanidades sob orientação do Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S235i

Santos, Gilson Graciano dos.

Influências africanas na Bahia : religiões e línguas / Gilson Graciano dos Santos. -
2017.

37 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert.

1. Escravidão - Brasil. 2. Língua materna - Bahia - Influências africanas.
3. Religião e cultura - Bahia - Influências africanas. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 323.13

GILSON GRACIANO DOS SANTOS

INFLUÊNCIAS AFRICANAS NA BAHIA: RELIGIÕES E LÍNGUAS

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como pré-requisito para obtenção parcial de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 26 de julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Karl Gerhard Seibert

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Carlindo Fausto Antonio

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

*Dedico este trabalho às minhas avós, Cristina de Oliveira e Má
Florença.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar saúde para a batalha do dia-a-dia. Pois sem ele, nunca conseguiria forças para finalizar esse trabalho. Do mesmo modo agradeço aos meus familiares, em especial ao meu pai Graciano dos Santos e a minha mãe Esmeralda Miranda, tudo isso porque sem eles nada disso seria possível; eles foram a peça fundamental para a concretização do meu trabalho, a vocês expresseo o meu maior agradecimento.

Ao governo brasileiro, por tudo que tem feito por mim – me ajudando na minha formação acadêmica. Agradeço ao povo são franciscanos pela recepção e acolhimento. A todos os professores, e em especial o meu orientador Gerhard, por exigir de mim muito mais do que eu supunha ser capaz de fazer; agradeço por transmitir seus conhecimentos e por fazer o meu Trabalho da Conclusão do Curso uma experiência positiva e por ter confiado em mim, sempre estando ali me orientando e dedicando parte do seu tempo a mim. Sem deixar de agradecer o Frei Wilson pelo apoio e motivação.

Do modo igual, a minha querida prima Veneranda Miranda, ao meu tio companheiro da casa Valdo, as minhas avós (Cristina e Florença) por tudo feito por mim e continuam fazendo, não poderia deixar de agradecer aos meus tios, as minhas tias, Tio Dafé, Geovane, Dino, Sompe, Nilde, Suzete, Tina, Gina, Rosita Miranda, e tia Arminda Miranda, por ter apostados em mim sempre. Meu obrigado a todos e todas!

Aos meus colegas da faculdade, Danilo Sumba, Isna, Braima, Magno, Virgilio, Luis Fernandes, Vânia, Agostinho, Vladimir Renato, Alfa dos Santos, Neemias, Mussa, Aila, Jorgito, Cálido, Bernardo, as minhas madrinhas Locarine e Vanita, notadamente aos meus amigos da casa, Robert, Némesio, Sara e Samanta.

Em particular, agradeço meus professores da Cooperativa Escolar São José, Silviano, Luís, Lourenço, N'Dami, Mano Eloi, Idrissa, muito especial ao nosso Diretor Executivo Raúl, pelos ensinamentos. De igual modo, aos meus colegas do ensino médio e secundário, Elisa Gomes, Waldino, Fernando, Judelcia, Bruno, Jailson, Elma, Rodinaldo, Basualdo, Dulce, Núria, Binham, Alcione, Jessica, Leocádia, Ivaniche, Mael, Ginésio, obrigado pela amizade e pelos ensinamentos que levarei para sempre.

Enfim, agradeço meus colegas da infância, Lote, Mussa, Alfredo Will, Claiton, Abide, Lodé, Miguel, Jackson, Usmam Baldé (Mane) Seide, Jorge, Cesar, João Nhaga, Isaias, Iano, Dico, Lino, Nelvino, Carla, Edneusa (Kanbuta), Néilson, Lia e os mais velhos, Oraison, Ravi, Djundi, Ada, sem deixar de agradecer aos meus chefes de escuta, chefe N'Du, Anibal, Mussa, Carlos Monteiro, Adilson (tropa), chefe Dulce e outros...pelas vossas dedicações em nos ensinar a comportar no meio social, tanto na igreja assim como na sociedade como um exemplo de um home novo. Grato, a todos e a todas que me apoiaram de forma direta ou indireta nos meus estudos, sempre conto com vossa ajuda, muito obrigado!!

*“Nunca tenha medo da opinião das
Pessoas. Essa é a maior escravidão do
mundo “*

(OSHO)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as influências africanas na Bahia, especialmente em relação ao campo religioso e linguístico; e também apresenta uma narração sobre a escravidão no Brasil, visto que foi através da escravidão que se deu essas influências africanas na Bahia. O tráfico negreiro trouxe muitos africanos escravizados de diferentes regiões africanas para as Américas, em especial para o Brasil e, para o Estado da Bahia, a partir do século XVI até ao século XIX, motivo pelo qual propusemos realizar esse trabalho – de modo a obter informações sobre as regiões africanas que influenciaram mais na religião e na língua. Entretanto, o resultado encontrado no trabalho é que a religião de matriz africana na Bahia teve a maior influência do grupo *ioruba* proveniente do Benin e da Nigéria, ao passo que no quesito língua as principais influências verificadas são do grupo *banto*, mais concretamente da fala quimbundo que teve mais influências, mas também do *quicongo* e *umbundo*, que são das regiões de Angola-Congo e também teve influência de ioruba, mas esta língua encontra-se basicamente na religião de matriz africano candomblé.

Palavras-chave: Escravidão - Brasil. Língua materna - Bahia - Influências africanas. Religião e cultura - Bahia - Influências africanas.

ABSTRACT

This work aims to analyze the African influences in Bahia, especially in relation to the religious and linguistic field; and also presents a narration about slavery in Brazil, since it was through slavery that these African influences occurred in Bahia. The slave trade brought many enslaved Africans from different African regions to the Americas, especially to Brazil and, for the State of Bahia, from the sixteenth century to the nineteenth century, which is why we proposed to do this work - in order to obtain information on the African regions that have most influenced religion and language. . However, the result found in the work is that the religion of African matrix in Bahia had the greatest influence of the Yoruba group coming from Benin and Nigeria, whereas in the language question the main influences verified are of the group banto, more specifically of the speech quimbundo which had more influences, but also of the Quicongo and Umbundo, who are from the regions of Angola-Congo and also had influence from Yoruba, but this language is basically in the religion of African matrix candomblé.

Keywords: Mother tongue - Bahia - African influences. Religion and culture - Bahia - African influences. Slavery - Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa do tráfico de escravo de África para Bahia	19
Figura 2	Mapa da Bahia	20
Figura 3	Mapa do povo Banto	28
Figura 4	Mapa da localização do povo Iorubá	29
Quadro 1	Palavras africanas no dicionário Brasileiro e os significados (Iorubá)	30
Quadro 2	Palavras africanas no dicionário Brasileiro e os significados (Banto: quimbundo, quicongo, umbundo)	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CAPITULO 1 - INFLUÊNCIA RELIGIOSA	15
3	CAPÍTULO 2 - INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca contextualizar as influências africanas na Bahia, com um recorte na religião e língua. O trabalho tem como objetivo pesquisar a herança cultural africana no Brasil, concretamente no Estado da Bahia. Fala-se sempre que há uma influência africana na cultura brasileira, mas ainda há que se conhecer em que setores essas influências estão mais presentes na atualidade.

Antes de tudo, pretende-se fazer uma breve retrospectiva sobre a história da colonização do Brasil que, conseqüentemente, originou o tráfico de escravo para este território, hoje considerado uma das maiores vergonhas que a história da humanidade já registrou. A partir dos meados do século do XV os africanos escravizados deportados pelos europeus de África foram colocados nos navios negreiros com destino inicial Portugal e Espanha e, desde o século XVI, principalmente para as Américas.

Um dos destinos mais utilizados pelos traficantes para depositar seus escravos foi o Brasil, mas vale ressaltar que esses escravos vieram de diferentes partes do continente africano e, com eles, vieram seus valores culturais primordiais, como suas línguas, religiões, filosofias de vida cujas heranças permaneceram até hoje em algumas regiões no Brasil.

A busca do caminho para a Índia fez com que os navegantes portugueses chegaram o continente africano, concretamente na costa ocidental da África nos meados do século XV. Ali começaram a resgatar os escravos africanos para Portugal e Espanha, contudo antes dos europeus chegaram ao continente africano em muitas sociedades existiam sistemas de escravidão, porém menos cruel tanto quanto praticado pelos colonos europeus nas Américas, também o próprio tráfico de escravos já existia no continente africano, por exemplo, o transsaara pelos árabes.

No século seguinte, os traficantes começaram a buscar escravos de África com destino as Américas. Esse processo doloroso causado por colonizadores europeus fez com que, nas Américas, os povos de diferentes culturas tivessem contatos, o que resultou nessas influências. Em conformidade com CARNEIRO (2008, p. 59)

O tráfico é parte inesquecível da história da expansão da Europa ocidental, o comércio de escravos africanos para as Américas cobre um período histórico que vai 1518 a 1880. A primeira data 1518 corresponde ao primeiro desembarque no Caribe de escravos trazidos diretamente. [...]. E a segunda data, 1880, equivale à extinção do trabalho escravo em Cuba, último ponto das Américas para qual existia o tráfico negreiro.

Então, pode-se inferir a partir dessa afirmação que a chegada de africanos escravizados, chegados à Bahia, abriram outros portos de desembarque para todo o Brasil, como Rio de Janeiro para mão-de-obra, inicialmente, sobretudo na produção da cana-de-açúcar e posteriormente nas minas, na produção de algodão e café e em toda a economia da colônia.

O fato histórico demonstra que os povos trazidos para o Brasil vieram de diferentes regiões do continente africano, como afirma CARNEIRO (2008, p.47), as religiões de matriz africana e os grupos linguísticos que estão entre os mais introduzidos no território brasileiro vieram de três regiões africanas com os escravizados, a saber Senegâmbia que inclui a posterior Guiné Portuguesa, no século XVI, Angola desde o século XVII, o Golfo de Benin, (atual Nigéria, Benin e Togo), do século XVIII até 1850.

Assim, os fatos históricos acima apresentados mostram que a contribuição das culturas africanas no Brasil não restringe simplesmente de uma região do continente africano, mas sim engloba diversas regiões, uma vez que a principal origem geográfica dos escravos mudou ao longo dos séculos. Nos primeiros momentos o tráfico de escravos começou nas zonas da África Ocidental pelos colonizadores europeus e mais tarde o seu centro mudou para Angola, devido a distância que Bahia tem com essa região, que facilitou o maior número de africanos escravizados para a mão de obra, como tais: produção de açúcar, lida e colheita. Por isso, busca-se com este trabalho identificar de quais regiões foram trazidos os escravos cuja religião contribuiu para a formação das religiões afro-brasileiras e cujas línguas contribuíram para o português do Brasil.

2 CAPITULO 1 - INFLUÊNCIA RELIGIOSA

Para compreender melhor o objetivo do trabalho, pretende-se nesse primeiro capítulo discorrer sobre diferentes perspectivas para apresentar as influências religiosas, os vários resultados, descritos por diferentes estudiosos tanto na área de antropologia quanto na etno-linguística. Mas antes de entrarmos na discussão é de suma importância fazer uma breve apresentação da situação geográfica da Bahia e também do continente africano, uma vez que o objetivo neste capítulo é fazer um estudo comparativo e analisar de que forma as religiões de matriz africana se desenvolveram no contexto baiano.

Luiz Viana Filho (2008) no seu conhecido livro intitulado *O negro na Bahia*, dividiu o tráfico de escravos para Bahia em quatro ciclos consecutivos, a saber: o Ciclo da Guiné no século XVI, o Ciclo de Angola, século XVII, o Ciclo da costa de Mina, no século XVIII e o último Ciclo é a legalidade Século XIX (FILHO, 2008, p.26). As três regiões em epígrafe são donde foram trazidos escravos em maior número para as Américas principalmente para o Brasil, Bahia. Os autores asseguram que, uma vez no Brasil, os africanos sempre deram valores às suas próprias culturas; nos seus tempos livres os escravos praticavam os seus cultos, dançavam e cantavam, porém, culturas africanas predominam no solo brasileiro (Bahia) e não só, assim como as suas heranças permanecem vivas, sobretudo nos rituais religiosos da matriz africana.

Pois bem, nesse caldeirão social e cultural tentaram garantir a sobrevivência, estabelecendo relação com os companheiros de cor e de origem, construindo espaço para prática de solidariedade e recriando cultura e as suas visões. (Mattos, 2007, p.155).

Pois, nesse sentido, vale destacar que, entre o século XVIII, início da chegada de escravos ioruba e o século XIX, os lugares das realizações da festa que envolvia o ritual do candomblé eram nos matos, nas periferias e lugares bem distantes as zonas urbanas.

Porém, por outro lado, é importante destacar que entre as várias religiões da matriz africana no Brasil, sobretudo na Bahia, dá-se mais destaque ao candomblé, de modo a melhor entender o conceito da palavra candomblé, partindo do estudo apresentado por Edison Carneiro (2008, p. 116), em que afirma que o termo candomblé é originário de *kandombile*, que no quimbundo significa [lugar de culto e

oração]. O mesmo autor afirma que, esse lugar significa também o reino, lugar sagrado, especialmente dos povos iorubas, atualmente localizados nos dois países africanos atuais de Benim e Nigéria.

Também é interessante destacar que, os primeiros praticantes dessa religião afro-brasileira conhecida por candomblé sofriam perseguições dos polícias e não eram aceitos, ou seja, não eram bem vistos na sociedade no início do século XIX, considerando os adeptos da religião afro-brasileira, na ótica da religião católica, perturbadores da sociedade. Isso fez com que eles afastassem das zonas urbanas como observa (CASTRO, 1983, p.89): “a vida religiosa dos candomblés está em terreiro ou roças ainda hoje localizados na maioria, em sítios afastados do centro urbano ou de difícil acesso, sobrevivência prováveis de antigos mocambos ou quilombos”.

Ao falar sobre sincretismo religioso no Brasil não se pode deixar de lado as religiões de matriz africana, sobretudo na Bahia, onde há uma concentração muito grande dessas religiões, como tais: Cabula e Umbanda.

A Cabula é classificada como candomblé de caboclo, considerada como precursora da Umbanda, persiste ainda como forma de culto nos estados da Bahia, onde surgiu no final do século XIX. CARMEM (2012, P.3).

No que refere a Umbanda é uma religião brasileira que sincretiza vários elementos, inclusive de outras religiões como o catolicismo, o espiritismo, as religiões afro-brasileiras e a religiosidade indígena. A palavra umbanda deriva de m'banda, que em quimbundo significa “sacerdote” ou “curandeiro”.

Em relação ao Candomblé está dividido em três ramos, a saber: Ketu, Angola e Jêje. Em relação à nação Ketu, é o ramo do candomblé que pertencia ao grupo de escravos nagô ou ioruba, enquanto a nação Angola é da origem banta, que veio da Angola e do Congo onde se fala quimbundo e quicongo e por último, nação jêje é do grupo sudanês que reúne os descendentes de escravizados falantes de ewe e fon da atual África Ocidental, mais concretamente Benim, Togo e Nigéria. Estas três nações do candomblé acreditam num ser sobrenatural que é deus, mas cada nação do candomblé tem nomes diferentes, mas é o mesmo deus e os mesmos santos, como no caso de candomblé Ketu onde o deus é chamado de *Olorum*, enquanto que no candomblé Angola e Congo é chamado *Zaniapombo* e no candomblé Jêje é chamado de *Mawa*.

No que concernem, os santos desta religião, o objetivo principal do candomblé é, através do êxtase, receber os santos entre os homens e a natureza, pois bem, os santos do candomblé Ketu são chamados dos orixás, do candomblé Angola é os inquices e do candomblé Jêje é Voduns. (ALCEU, 2000, p. 133).

No que diz a respeito, os orixás Ketu “são, em geral, personagens efemerizados, que representam as forças elementares da natureza ou as atividades econômicas a que se entregam os negros, na religião do Níger” (CARNEIRO, 2008, p. 65).

Exu, Orixá guardião dos templos, casas, cidades e das pessoas. Ogum, Orixá do ferro, guerra, fogo e tecnologia. Oxóssi, Orixá da caça e da fartura. Logunedé, Orixá jovem da caça e da pesca. Xangô, Orixá do fogo e trovão, protetor da justiça. Obaluayê, Orixá das doenças epidérmicas e pragas. Oxumaré, Orixá da chuva e do arco-íris. Ossaim, Orixá dos remédios, conhece o segredo de todas as folhas. Oyá ou Iansã, Orixá feminino dos ventos, relâmpagos, tempestade, e do Rio Níger. Oxum, Orixá feminino dos rios, do ouro, jogo de búzios, e amor. Iemanjá, Orixá feminino dos lagos, mares e fertilidade, mãe de muitos Orixás. Nanã, Orixá feminino dos pântanos e da morte, mãe de Obaluaiê. Ewá, Orixá feminino do Rio Ewá. Obá, Orixá feminino do Rio Oba, uma das esposas de Xangô. Axabó, Orixá feminino da família de Xangô. Oxalá é um nome genérico para vários Orixás Funfun (branco).¹

O candomblé de Angola tem os mesmos deuses (inquices) que os candomblés nagôs, mas com outro nome, embora talvez com diferenças superficiais de apresentação, segundo (CARNEIRO, 2008, p. 74-75):

Assim, Ogum é Sumbo ou IncoceMukumbe; Nanã: Kerê-Kerê; Iansã: Bamburucem; Oxoce: Tauamin, Matalumbô ou Congombira; Omolu: Burungunço ou Kuquete; Xango: Zaze, Cambaranguanje ou Quibuco; Loco: Catende, identificado com São Saebestão, ou Tempo; Oxalá: Lemba ou Caçubeca; Oxumarê: Angora; Exu: Aluvaia ou Bombonjoro.

Na mesma linha, Edison Carneiro descreve sobre os Voduns jejê, que são essencialmente os nomes que os orixás nagôs, mas são menos conhecidos pelos seus verdadeiros nomes, em virtude da popularidade dos deuses de ioruba, por exemplo:

Xangô, entre os jêjes, se chama de Sobo e tem por insígnia o machado com asas; Iroco, a gameleira branca, se chama Loco; Ogum, deus do ferro, tem

¹ Acesso em: <https://lilamenez.wordpress.com/2012/08/11/as-tres-nacoes-de-ca>
<https://lilamenez.wordpress.com/2012/08/11/as-tres-nacoes-de-candomble-jeje-ketu-e-angola/ndomble-jeje-ketu-e-angola/>

o nome de Gun; Oxumaré, o de Obecém; Ibêji, os gêmeos, o de Hohô; Exu, o de Leba; e assim por diante... Nanã se chama Nanã Burucu, como no Daomé (Nanã Burukù), e é considerada a criadora domundo, a mãe de tudo o que existe. DÃ, uma figura especial desses candomblés jejes é serpente. Ela representa o princípio de mobilidade e é considerado o encanto dos bichos de arrasto. (CARNEIRO, 2008, p.73).

Pois bem, os escravos oriundos de diferentes regiões do continente africano disseminaram as suas religiões em diferentes partes do Brasil, como se pode ver na Bahia, assim como, por exemplo:

Desde o início as religiões afro-brasileiras se fizeram sincréticas, estabelecendo paralelismos entre divindades africanas e santos católicos, adotando o calendário de festas do catolicismo, valorizando a frequência aos ritos e sacramentos da Igreja católica. Assim aconteceu com o candomblé da Bahia, o xangô de Pernambuco, o tambor-de-mina do Maranhão, o batuque do Rio Grande do Sul e outras denominações, todas elas arroladas pelo censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) sob o nome único e mais conhecido: candomblé. Até recentemente, essas religiões eram proibidas e, por isso, duramente perseguidas por órgãos oficiais (PRANDI, 2004, 225).

Observando nos estudos feitos por uma das maiores especialistas das línguas africanas no Brasil, Yeda Pessoa de Castro, Costa afirma que em nenhum momento o termo candomblé, nos dicionários da língua e a vasta etnográfica e de uso corrente na área linguística da Bahia para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crença em divindade chamado de santo ou orixá e associado ao fenômeno da possessão ou transe místico. (CASTRO, apud LIMA, 1976, p.66)

Por outro lado, Júlio Braga (1992, p.14), enfatiza que, diferentemente de cunho religioso, candomblé é uma fonte permanente de gestação de valores e de promoção sociocultural que se sobrepõe à dimensão cultural religiosa *strictu sensu*, plasmando os contornos da identidade do negro no Brasil.

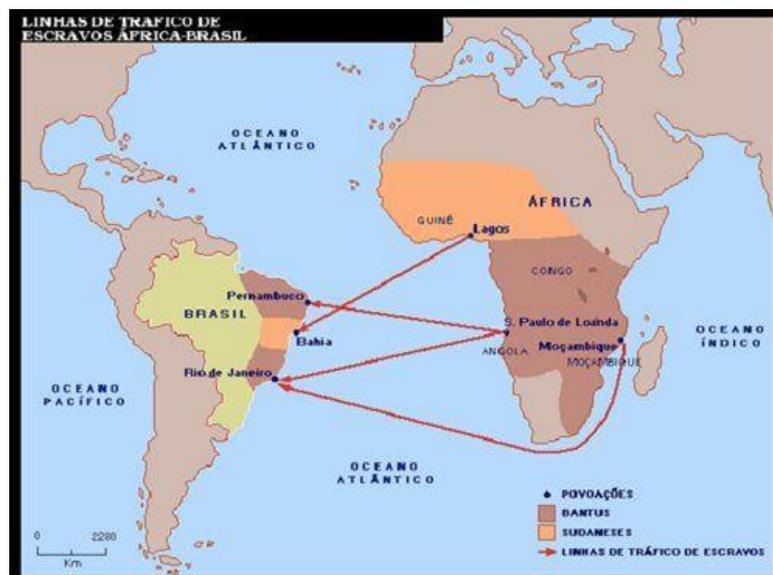
Nessa mesma linha, o candomblé busca a harmonia do homem através dessa interação com o mundo sagrado, sem perder o sentido maior de enfrentamento da liberdade, da harmonia social e da identidade daqueles que nele se afiliam e têm comprometimento religioso (BRAGA, 1992, P.17)

Há uma questão essencial que liga os candomblés da Bahia às culturas africanas (Benim e Nigéria): a relação de resgate, sobrevivência e manutenção das identidades étnico-culturais das populações africanas e seus descendentes.

Porém, é uma das práticas religiosas mais conhecidas e reconhecidas no Estado da Bahia – tendo atraído diferentes seguidores que se auto declaram frequentadores do lugar sagrado do culto. Sabe-se que é uma religião de matriz africana, trazida pelos escravos africanos de origem Nagô (Ioruba), que foram escravizados nas suas terras para trabalhar nas terras brasileiras.

Pudemos ver, ao longo do tempo, alguns pesquisadores a situar geograficamente os ciclos regionais que enrolaram o tráfico de escravos para o Brasil, sendo que na sua maioria estes pesquisadores destacam a região do Rio da Guiné (Senegambia) como a região do primeiro ciclo escravocrata.

Figura 1 - Mapa do tráfico de escravo de África para Bahia²



Fonte: portal dos professores ³

² África é o terceiro maior continente da Terra, ficando apenas atrás da Ásia e das Américas. Junto com as ilhas adjacentes, ocupa cerca de 30 milhões de km², cobrindo 20,3% da área total da terra firme do planeta. É também o segundo continente mais populoso da Terra, ficando apenas atrás da Ásia. Possui mais de 800 milhões de habitantes em 54 países, representando cerca de um sétimo da população do mundo

³ Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15157> Acesso em: 08 jul. 2017.

Figura 2 - Mapa da Bahia⁴



Fonte: Mapa da Bahia (2016).⁵

O Estado, a Bahia, tornou-se durante quase quatro séculos de tráfico (séculos XVI- a XIX) o mais importante centro comercial brasileiro de escravos de África, (CASTRO, 1967, p. 25). Voltando a discussão introduzida acima, em que se busca explicar a origem das religiões de matriz africana na Bahia é importante lembrar que os povos nagôs (iorubas) oriundos da Costa de Escravos foram os primeiros a desenvolverem uma religião da matriz africana no estado da Bahia como resultado do sincretismo religioso. Na Bahia essas religiões ganharam mais espaços e conseqüentemente, de acordo com os dados do Censo Demográfico divulgados em 2010 pelo IBGE, população baiana é aproximadamente 14 milhões, sendo maior população do Nordeste e o quarto Estado mais populoso do Brasil. A população representa 26,4% da população do Nordeste e 7,3% da população brasileira. Sobre a religião a população ou seguidores do candomblé é de 40 mil que corresponde 0,3% residente.⁶

A história baiana mostra que culturalmente o estado tem uma ligação muito forte com o continente africano, que se deu a partir do século XVI, quando

⁴ A Bahia é o estado mais populoso da região Nordeste, conforme dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2016, tem uma área compreendida de 564 733,177 km², com uma população de 15 276 566 hab. Conforme o estudo demográfico realizado no ano 2010, 17,1% declaram-se pretos e 59,2% dizem pardos, no total 76,3% negros. Situa-se ao sul dessa região e faz fronteiras com oito estados federais: Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Piauí ao norte, Minas Gerais e Espírito Santo ao sul, Goiás e Tocantins a Oeste. Ao Leste, faz divisa com o Oceano Atlântico. Dentre todos estados da federação, o estado da Bahia é o que mais faz divisa com outras unidades da federação. Além disso, há que se destacar que o estado reúne a maior concentração de números relativos de negros e mulatos do Brasil.

⁵ Disponível em: Acesso em: 26 jun. 2017.

⁶ Disponível em: <http://www.infoescola.com/geografia/populacao-da-bahia>. Acesso: 15 de julho de 2017.

precisamente começou tráfico de escravos daquele continente para as Américas. Os dados históricos revelam que, dos contingentes trazidos no século XIX para o Brasil, era aproximadamente 3.600.000. (GUDRUN, 2001, p. 1).

Acumulando essas riquezas culturais trazidas por escravos africanos, sobretudo no que se refere à religião, a Bahia ganhou significado exemplar do que se refere origem da cultura da matriz africana no Brasil, assumindo um lugar de referência na temática de africanidade no Brasil, considerando, as vias de aproximação da África e da diáspora negra africana para o cotidiano. Certamente, sua cultura é das mais próximas do modelo africano.

A prática religiosa do candomblé permitiu comunicações aos escravos utilizando a mesma linguagem de cada nação respectivamente, uma vez que é um lugar onde se reúnem para comungar o mesmo sentimento; tudo isso era feito através de comunicação oral, como tem se mostrado a história que na maioria das sociedades africanas, os conhecimentos eram transmitidos de forma oral.

Portanto, através das práticas religiosas, esses povos passavam na oralidade todos os conhecimentos dos seus ancestrais, como podemos encontrar no artigo de Cléo, que afirma que o Joaquim já discutia sobre o mesmo assunto onde disse:

O candomblé tem um papel importante no ressurgimento da cultura afro-brasileira na Bahia, porque manteve o negro unido, como associação. As pessoas no terreiro ficavam juntas, as velhas africanas tinham oportunidade de falar sobre os ascendentes, refletiam e resgatavam suas identidades. O candomblé contribuiu na ligação do negro com a cultura africana.⁷

Pois bem, em outras palavras podemos dizer que essa prática religiosa serviu para ressignificação cultural da África no Brasil no século XX, conseguindo assim manter os escravos, os negros, os pardos, os crioulos, os pobres e os libertos mais fortes em luta contra o racismo, discriminação das práticas culturais africanas como as suas estratégias de sobrevivência.

De uma forma ou doutra, candomblé tem como o seu principal foco preocupar com a sustentabilidade da vida humana, em contraste com aquelas pessoas mais interessada na salvação eterna da alma em outro plano⁸.

⁷ Disponível em: <http://protestantismoemundo.blogspot.com.br/2010/10/uma-breve-abordagem-sobre-as-religoes.html>. Acesso: 09 de julho de 2017.

⁸ Numa entrevista realizada nos 2016, com entidade religiosa, ou seja, a mãe do santo (por questão da ética não vai ser revelado o nome da pessoa), em busca da informação sobre como as religiões afro-brasileiras foram herdadas por

Foi neste contexto, segundo ela, que se deu o intercâmbio religioso solidificando-se entre aqueles povos escravizados e trazidos para Bahia, onde houve a abertura de inúmeras casas de culto como forma de preservar a sua religião.

A africanidade no Brasil, embora não seja ainda muito reconhecida perante a sociedade em geral, faz parte do cotidiano de várias comunidades com as mais variadas formas de manifestações, que muito das vezes não são reconhecidas como práticas culturais dos povos descendentes dos africanos quando essas manifestações ganham status.

Por outro lado, há pessoas que ainda sofrem as discriminações por serem opostas às tradições europeias, por exemplo, no campo religioso percebe-se claramente que as religiões de matriz africana não são bem aceitas na sociedade majoritária, sempre acusando os seus seguidores, ou seja, o praticante e denominada de “bruxaria”, o que não acontece com os seguidores de cristianismo por este ser difundido por povos considerados “superiores” provenientes do continente europeu.

Ainda há que se aprender muito e saber reconhecer a valiosa contribuição dos povos africanos e os seus descendentes que aqui foram trazidos como escravos, mas que nunca abandonaram completamente as suas identidades, aliás, isso foi uma forma de resistência contra a opressão que sofriam, mesmo no contexto atual verifica-se uma repressão simbólica sobre algumas manifestações dos afro-brasileiros, sobretudo no que tange à religião.

Por ser um país continental e rico em diversidade, por ter um contexto histórico polarizado em função do cenário histórico das constituições desses países, em que diversos povos de diferentes cantos de mundo vieram ou foram trazidos para diferentes regiões para construir a nação brasileira. Assim como se podem encontrar os mais diversos tipos de manifestações culturais herdadas pelos descendentes dos povos que chegaram aqui, em particular os africanos, que “influenciaram profundamente na sociedade brasileira e deixaram contribuições importantes para os que chamamos hoje de cultura afro-brasileira” (MATTOS, 2007, p.155), como podem encontrar os elementos africanos nas mais diversas atividades na sociedade brasileira, nomeadamente, o Samba e a Capoeira. Para melhor contextualizar o samba e a capoeira, visto que, samba é a diversão e festa, como os africanos

escravizados considera-o, porém, como tempo ele passa como gênero musical brasileira:

Ele foi introduzido no Brasil no período colonial pelos escravos africanos sendo, portanto, um estilo que provém da fusão entre as culturas africana e brasileira. Inicialmente, as festas de danças dos negros escravos na Bahia eram chamadas de "samba". A manifestação durante muito tempo foi considerada um estilo de música e dança criminalizada e visto com preconceito, devido às suas origens negras.⁹

Como pode se ver no artigo de Rafael, segundo ele, é difícil afirmar que capoeira veio de África, tendo em conta que não há nenhuma pesquisa a dizer exato sobre origem da capoeira, mas só podia afirmar que é possível em várias regiões de África existiam “dança de combate”, como o moringue em Madagascar, assim como, N’Golo no sudeste da África.

A capoeira é “cada vez mais jogo (...) enfretamento indireto, onde os sujeitos em disputa com poder dominante, dançam, jogam e dissimulam, aguardando momento certo para aplicar o golpe inesperado e certeiro”. (Abdis apud Rafael).

⁹ Acesso em: <https://www.todamateria.com.br/samba/>

3 CAPÍTULO 2 - INFLUÊNCIAS LINGUÍSTICAS

Bem, antes da chegada do português Pedro Alves de Cabral, o território do atual Brasil já tinha as suas línguas nativas que eram faladas por diferentes povos indígenas, mas a chegada dos colonizadores no século XVI, fez com que a língua portuguesa tivesse contato com essas línguas dos povos que aqui viviam. Em referência disso, Lucchesi afirma:

Os primeiros povoadores portugueses que, no início do século XVI, vieram para o Brasil entraram em contato com as tribos indígenas que habitavam a costa e, por falarem línguas muito aparentadas do tronco tupi, eram capazes de se comunicarem entre si utilizando uma espécie de koiné, decalcada da língua tupinambá. (LUCCESI 2009, p.43).

Por questão da política adotada pelos colonizadores portugueses no sentido de impor a sua cultura sobre os povos dominados, conseqüentemente expandir e/ou disseminar a sua língua e, também a religião cristã, a língua portuguesa se tornou um dos instrumentos usados no processo da dominação da língua tupinambá dos nativos, dito indígenas.

Os índios, subjugados ou aculturados, ensinaram o dialeto aos europeus que, mais tarde, passaram a se comunicar nessa “língua geral” - o Tupinambá. Em 1694, a língua geral reinava na então colônia portuguesa, com características de língua literária, pois os missionários reduziam peças sacras, orações e hinos, na catequese. Com a chegada do idioma ioruba (Nigéria) e do quimbundo (Angola), por meio dos escravos trazidos da África, e com novos colonizadores, a Corte Portuguesa quis garantir uma maior presença política. Uma das primeiras medidas que adotou, então, foi obrigar o ensino da Língua Portuguesa aos índios. (CARMEM, 2012).

No ano 1757 uma provisão proibiu a utilização do Tupinambá, isso se tornou o português com o título de idioma oficial, e depois com expulsões dos jesuítas, então o português sumiu definitivamente língua oficial brasileira.¹⁰

A língua portuguesa se sobrepõe sobre as línguas dos nativos, pois essas línguas estão se desaparecendo gradualmente, atualmente não havendo quase nenhum crescimento em número de falantes. Como sendo divulgado no último censo da população indígena do Brasil de 2010, revelam que indígenas 817.963, representando 0,44 % da população brasileira segundo a Organização das Nações

¹⁰ Acesso em: <https://gz.diarioliberalidade.org/brasil/item/143976-historia-da-lingua-portuguesa-no-brasil.html>

Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 2010. De acordo com a referida organização:

É estimado que se falavam mais de mil idiomas no Brasil na época do descobrimento. Segunda uma pesquisa anterior ao censo de 2010, esses idiomas estavam reduzidos ao número de 180. Das 180 línguas, apenas 24, ou 13%, têm mais de mil falantes; 108 línguas, ou 60%, têm entre cem e mil falantes; enquanto que 50 línguas, ou 27%, têm menos de 100 falantes e metade destas, ou 13%, têm menos de 50 falantes, o que mostra que grande parte desses idiomas está em sério risco de extinção.

Deste modo, a língua portuguesa se perpetua como hegemônica em função da nova configuração da sociedade e do prestígio que ganhou. Embora seja uma língua hegemônica, era de se esperar que em todo processo de contato, há interferência de um elemento sobre outro, portanto a língua portuguesa no Brasil não fugiu desse processo. No processo da constituição histórica do português brasileiro, Dante Lucchesi (2009), na sua hipótese do processo de Transmissão Linguística Irregular afirma que o português brasileiro é polarizado e plural em função de contato que teve com várias línguas de povos diferentes que aqui viviam: indígenas, africanos que foram trazidos na condição de escravos e as outras línguas europeias.

O mesmo autor afirma que:

No Brasil, o contato dos colonizadores portugueses com milhões de aloglotas, falantes de mais de línguas indígenas autóctones e de duzentas línguas que vieram na boca de cerca de quatro milhões de africanos trazidos para o país como escravos, é, sem sombra de dúvida, o principal parâmetro histórico para contextualização das mudanças linguística que afetaram o português brasileiro (LUCCESI, 2009, p.41).

Devido a esse contato, o português brasileiro sofreu influências das línguas com as quais teve contato, principalmente as línguas indígenas em seguidas línguas africanas. Essas influências podem ser percebidas em diferentes níveis linguísticos, como por exemplo, na fonética-fonologia, na morfossintaxe, e no léxico. Essa última é o nível em que as influências das línguas africanas no português brasileiro se tornam mais evidentes. Por exemplo, bunda (nádegas), canjica (papa de milho verde ralado), capanga (guarda costa) caçula (o mais novo) entre outros, que se pode ver as origens e os significados de palavras africanas no quadro em baixo.

O seu uso – além de estar associado a grupos específicos – está vinculado a duas funções principais: ritual: nos cultos religiosos ditos “afro-brasileiros”

e demarcação social: como língua “secreta”, utilizada em comunidades negras rurais constituídas por descendentes de antigos escravos. (PETTER, 2006/2007).

No que tange ao campo religioso, sobretudo nas religiões de matriz africana, percebe-se claramente o uso das línguas ioruba nas práticas religiosas do culto dessa religião talvez a mais popular seja o candomblé em que o uso das línguas africanas nos terreiros são frequentes, como aponta Lucchesi ao citar Rodrigues.

Para o autor:

O predomínio de escravos falantes de línguas do grupo kwa (majoritariamente iorubas) levou à utilização de uma língua franca ioruba (chamada na Bahia nagô), que era de uso corrente na Cidade da Bahia no século XIX, devendo ter se prolongado até o início do século XX. No plano da resistência cultural e religiosa, o ioruba converteu-se na língua ritual, nos candomblés da Bahia. (Rodrigues apud Lucchesi, 2009, p.67).

Como são várias línguas africanas introduzidas no Brasil, vale destacar que dentre as línguas africanas dos povos escravizados, é o quimbundo, uma língua falada em Angola que chegou Bahia no século XVII, embora não se possa negar a forte influência de ioruba que disseminou no século XVIII no campo religioso. Mas de modo geral há um indicio forte de que entre as línguas africanas que tiveram contato com o português no Brasil, no caso de grupo banto influenciou no português do Brasil, que “compreende a família linguística Níger – Congo a língua quicongo, falada pelo povo bacongo. O quimbundo da região central de Angola, falada pelos ambundos, umbundo do Sul da Angola (Benguela), é falada pelos ovimbundos e outras, ainda, como, kwa, ewe-fondos falares bunuê-congo, principalmente nos falares iorubas designado no Brasil” (PETTER, 2006/2007. P.70). Quicongo e o quimbundo são da maior parte dos itens lexicais oriundos das línguas africanas no português falado no Brasil, devido ao facto que os escravos trazidos da região de Angola e Congo eram dominantes na altura da formação do brasileiro.

BONVINI (2008, p.103) afirma que:

Os termos originários de língua africana, atestados no léxico do português do Brasil, testemunham esse contato e depender dele. No Brasil, ele deu-se entre a segunda metade do século XVI e o final do século XIX. As línguas africanas faladas no Brasil em primeira, no século XVII língua quimbunda falado no Brasil, “gramatizada” em Salvador, Bahia. [...]um levantamento dos termos quimbundos atestado nesta gramática permite 227 vocábulos, que são dados isoladamente ou em frases na forma de exemplo oferecido em apoio a descrição dessa língua [...] O seu conteúdo toca, entretanto,

vários domínios lexicais: corpo humano, tempo, espaço, planta, animais, parentesco, instrumentos, profissões, situação social, escravidão e religião.

Como afirma, Renato Mendonça (2012, p. 9), no vocabulário elaborado por ele para apresentar os itens lexicais das línguas africanas herdadas no português brasileiro assim descreve, “dos verbos de origem africana, só encontrei as três de uso quotidiano, ‘batucar’, ‘cochilar’ e ‘xingar’ que devem ter vindo do quicongo ou quimbundo”. São línguas da região da Angola de povos banto, o quimbundo, o quicongo e o umbundo (do grupo Buene-Congo oriental) que contribuíram muito para o brasileiro devido ao fluxo da escravidão daquela região no século XVII, que originou a disseminação da sua cultura em todos os sentidos na cultura baiana como descreve Castro:

Como os povos bantos eram numericamente superiores no Brasil até princípio do século XIX, em consequência do tráfico intensivo e contínuo com a África ter sido feito principalmente com Angola era teoria aceita de que seriam bantos todos os povos africanos trazidos para o Brasil. (CASTRO, ano1967, p.214).

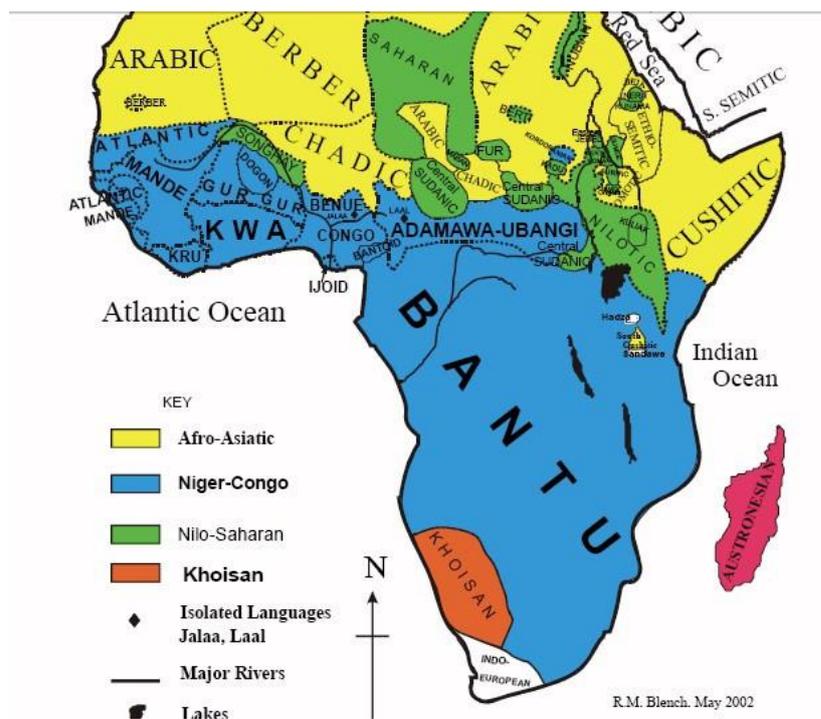
Embora não se possa afirmar categoricamente que somente os povos bantos foram trazidos para o Brasil, os dados levantados por vários pesquisadores indicam que, durante os cerca de 350 anos da escravidão, a maior parte dos escravos veio da região de Angola, como escreve Vianna Filho (2008), no seu livro o autor relata a importância desses povos na construção da história do povo baiano:

No que referi aos ciclos, Vianna indica os números de escravos e os períodos de cada 3 regiões principais chegados ao Brasil, segundo ele considerou-se o ciclo da Guiné século XVI o de “menor importância, sobretudo numérica”. O segundo ciclo de Angola XVII, Vianna ao citar o Padre Antônio Vieira os escravos que saíam de Angola navios com 500, 600 e até mil africanos. Enquanto no ciclo da Mina. Século XVIII, neste ciclo por aí chegaram os negros sudaneses, os jurubas, mas conhecidos como nagô, os tapas, os bambarras, os haussás, os ashanti, os jêjes, os fulas, os mandingas. Viannas informa num século já teriam chegado à Bahia 35 mil (VIANNA, 2008, P.27-28).

Por seu lado, Lucchesi ao mapear as línguas africanas que contribuíram na formação do português brasileiro, tomando como base nos trabalhos desenvolvidos por Yeda Pessoa de Castro, uma das mais renomadas pesquisadoras da influência africana no português brasileiro, destaca que são “as línguas etnias majoritárias”: o quimbundo, o quicongo.

”No grupo sudanês, (Níger – Congo Ocidental) os seus principais representantes no Brasil eram os nagôs (ioruba), e os Jêjes ou povos de língua ewe”. (Castro apud Lucchesi, 2009, p. 64). Atualmente, embora não seja de conhecimento de muitos, as pesquisas apontam que várias palavras usadas no cotidiano vieram das línguas do grupo bantos (quimbundo e quicongo). Tendo em conta, da densidade demográfica e amplitude geográfica alcançada pela sua distribuição humana em território brasileiro.

Figura 3 - Mapa do povo Banto



Fonte: Bantos (2002).¹¹

Além das línguas do grupo banto também presença muito forte das línguas nagô, Anagô ou Anagonu que são formas pelas quais os povos que falam o ioruba eram conhecidos no atual Benin, antigo reino do Daomé.

¹¹ Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagem+do+mapa+do+bantu> Acesso em 26 de jun. 2017.

Figura 4 - Mapa da localização do povo loruba



Fonte: lorubalândia (2017).¹²

Voltando à influência loruba no português brasileiro, de acordo com Cunha “a loruba que foi trazido pelos escravos africanos, os quais foram traficados para o Brasil, legou muitas palavras ao português brasileiro, sempre nos termos referentes à culinária, angu, xinxim, abará, vatapá etc.”. Além disso, o loruba é a língua sagrada religiosa, cujas palavras são usadas nos terreiros baianos do candomblé, tais como: Xangó, Ogum, Oxum.

¹² Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+ioruba>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Quadro 1 - Palavras africanas no dicionário Brasileiro e os significados (Iorubá)

Palavras	Significados
Abadá	Túnica folgada e comprida
Abará	Bolo feito com massa de feijão fradinho e os temperos são os mesmos
Abiã	Menina ou moça, em estágio pré- noivado.
Acarajé	Bolinho feito de massa de feijão-fradinho frito no azeite de dendê e servido com camarões secos
Afoxé	Dança semelhante a um cortejo real, que desfila durante o carnaval e em cerimônias religiosas.
Babá	Pai
Babalaô	Adivinho sacerdote de ifá (orixá da adivinhação e do destino)
Bobó	Um tipo de purê feito de aipim ou inhame
Agogô	Instrumento musical formado por duas (ou três) campânulas ocas de ferro
Aluá	Bebidas de milho, arroz cozido ou com cascas de abacaxi.
Axé	Saudação; força vital e espiritual
Decá	Transmissão de obrigações entre chefe de candomblé.
Ebô	Milho branco cozido
Ebó	Oferenda feita aos orixás para se resolver os mais diferentes desejos e problemas.
Efó	Espécie de guisados de camarões e ervas, temperado com azeite de dendê e pimenta
Exu	Divindade que é considerado o intermediário entre o Céu e a terra. Aquele que está em todos os lugares. Dono das encruzilhadas.

	Representa a ambivalência humana, os comportamentos e desejos contraditórios.
Odara	Bom, Bonito, Limpo. Branco, Alvo.
Ogã	Protetor civil do candomblé.
Ogum	Deus das lutas e das guerras.
Orixá	Divindade de religião afro-brasileira. Divindade secundária do culto jeje e nagô, medianeira que transmite súplicas devotos suprema; divindade desse culto; ídolo africano.
Orobó	Fruto africano, usado nos sacrifícios religiosos.
Vatapá	SM. Da culinária (comida), iguaria de origem ioruba à base de peixe ou galinha, com maçarão seca, amendoim, etc., temperada com azeite de dendê e pimenta.

Quadro 2 - Palavras africanas no dicionário Brasileiro e os significados (Banto: quimbundo, quicongo, umbundo)

Palavras	Significados
Batuque	Dança com sapateado e palmas, com som de instrumentos de percussão. É uma variante das rodas de capoeira, praticada pelos negros trazidos de Angola para interior da Bahia. No sul do Brasil, é sinônimo de rituais religiosos e, no interior do Pará, é uma espécie de Samba.
Bunda	Nádegas, na língua quimbundo, falada pelos mbundos de Angola.
Catinga	Fedor; mau cheiro.
Canjica	Papa de milho verde ralado, leite, açúcar e canel. 2- Milho branco cozido e temperado com leite de coco; mungunzá.
Calumba	Planta

Calunga	Coisa de qualquer tamanho reduzido
Candomblé	Casas ou terreiros de diferentes nações
Caxixi	Chocalho pequeno feito de palha
Farofa	Mistura de farinha com água, azeite ou gordura.
Fubá	Farinha de milho
Gingar	Movimento corporal na capoeira, na dança e no futebol
Jiló	Fruto verde de gosto amargo.
Maxixe	Fruto do maxixeiro. Certo tipo de chuchu espinhoso. Dança brasileira de salão.
Miçanga	Conta de vidro miúda. Ornatos feitos com esse tipo de conta. Colar.
Minhoca	Nome de comum a vermes terrestre. Ato de cochilar. Cochilar= dormir lentamente
Mocambo	Canto, refúgio, esconderijo de escravos fugidos, na floresta; quimbundo. 2- Conjunto de habitações miseráveis. 3- Choça ou abrigo dos vigilantes das lavouras.
Mocotó	Pata de bovino utilizado como alimento. Tornozelo.
Mungunzá	Iguaria de grãos de milho cozido, em caldo açúcarado, às vezes com leite de coco ou de gado. O mesmo que canjica.
Muxoxo	Beijo; carícia.

Quiabo	Fruto de forma piramidal, verde e peludo.
Samba	Dança cantada de origem angolana de compasso binário
Soba	Chefe de clã africano
Tanga	Pano que cobre desde o ventre até as coxas.
Umbanda	Dendezeiro. O Fruto do dendezeiro. Religião brasileira originada na assimilação de elementos culturais afro-brasileiras pelo espírito.
Xingar	Dirigir insultos ou palavras afrontosas. 2- Dizer insultos ou palavras afrontosas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bem, para compreender este trabalho da pesquisa, logo a primeira o trabalho apresenta uma narração histórica do tráfico de escravizados de África para Bahia a partir do século XVI até final do século XIX.

Escravidão começou nas Américas no século XVI, na época o Brasil era o território onde os europeus mais depositaram os escravizados, concretamente na Bahia. Esses escravizados nunca deram as costas os seus costumes ritos, muito embora não tinham tanto tempo para aplica-los, tendo em conta como eles eram tratados, como objetos na senzala; mas o pouco que tinha, os velhos africanos aproveitam dele para passar os conhecimentos para os novos, mas o que é certo eles preservam as suas culturas e as práticas que hoje em dia pode se enxergar na Bahia, e não só, em todo Brasil.

Pode-se verificar na língua brasileira umas fortes influências africanas que se deu ao longo do século XVII com a chegada dos escravizados da região Angola, que hoje atual África Austral. Na época houve muitos escravizados oriundos daquela região, com intuito para o trabalho da mão de obra brasileira.

Por tanto, digamos que graça a essa preservação que os escravizados faziam em tornos dos séculos que deu as influencias, ou seja, a cultura afro-brasileira, com isso o presente trabalho pesquisa sobre as influências africanas na Bahia com o foco centralizado nas religiões e nas línguas

Considere que no início a religião afro-brasileira sofria muitas perseguições, tendo em conta ao regime colonial brasileira tinha, mas com passado tempo veio a ter o seu lugar, graça a resistências dos afros densedentes. O candomblé da Bahia, é um dos instrumentos utilizados para resistências, preservação cultural, com resultados encontrado na pesquisa demonstram entre as várias religiões de matriz africanas na Bahia a mais influente é o Candomblé d Ketu ou nagô, da origem do Benim, Nigéria e Togo.

Portanto, com análise feito durante a pesquisa a que se perceber de que os africanos escravizado das regiões da África para Bahia, vieram das diferentes regiões, então cada região trouxe sua forma da vivencia ou filosofia de vida para Bahia que foram deixado aqui, no campo religioso pode se perceber que tem mais influencias dos escravizado da região do Daomé e na língua contem com mais influência do grupo banto.

Nesta linha, pode chegar em conclusão de que através do tráfico negreiro que se deu as influencias, porque forma através da escravidão que africanos escravizados chegaram Bahia, no primeiro momento chegaram escravizados da Guiné no século XVI, segundo Angola XVII, terceiro Golfo de Benim século XVIII até 1815 e por último da ilegalidade 1816 a 1851. Por fim, a escravidão é parte inesquecível para sociedade brasileira assim como para toda África.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alceu Maynard. Brasil: *História, costumes e lendas*. São Paulo-SP- Brasil: Grupo de comunicação três S. A, 2000.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Biblioteca pioneira no Brasil, 1989.

_____. *Candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

BRAZEAL, Brian. *O candomblé e o atlântico negro*. Salvador: Afro-Ásia, n.º 342, 331-334, 2006.

CARNEIRO, Edison. *A sabedoria popular*. São Paulo: Martin Fontes, 2008.

_____. *Candomblés na Bahia*. 9ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CASTRO, Yeda. *A sobrevivência das línguas no Brasil: sua influencia na linguagem popular da Bahia*. Salvador: Afro - Ásia, n.º 4 -5. p. 25-34, 1967.

_____. *Das línguas africanas ao português brasileiro*. Salvador: Afro-Ásia, 3-12, 1983.

DA SILVA, Rafael Ferreira. *A Mulher na Capoeira e a Participação no movimento de resistência ao sistema racista e patriarcal*. [S.l.: s.n.]

FERRETTI, Sergio. *Candomblé da Bahia*. Salvador: Afro Ásia, n.º 41, p. 267-274, 2010.

GEOGRAFIA DO ESTADO DA BAHIA. Disponível em:

<http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Estados/Bahia/>>. Acessado em: 28 de setembro 2016.

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15157>. Acesso em: 26 de junho de 2017.

INÊS, Côrtes de Oliveira, Maria: *“Negro Da Guiné”*. Salvador: Afro- Ásia, n.19, p. 37-73, 1997.

JENSEN, Tina Gudrun. *Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: Da de africanização para a reafrikanização*. Estudos das religiões. N.1, p1-21, 2001.

LUCHESE, Danti, BAXTER, Alan e RIBEIRO, Ilza. *O português Afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAPA DA BAHIA. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+bahia&tbm=isch&tbo=u&source=uni v&sa=X&sqj=2&ved=0ahUKEwjXqOvsp9zUAhWCTZAKHaa5DCsQsAQIlw&biw=1366&bih=662&dpr=1#imgcr=5RPW7ntKcjk7jM>: Acesso em: 26 jun. 2017.

MAPA DO BANTU. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=imagem+do+mapa+do+bantu&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwjW25ecptzUAhUElpAKHb3UAK0QsAQIIQ&biw=1366&bih=662#imgsrc=LCh84KbNYDCXNM>. Acesso em 26 de jun. 2017.

MATTOS, Regina. *A Cultura afro-brasileira: Religiosidade*. Salvador: Afro-Ásia. 155-160, 2007.

MELLO, Vânia Lúcia Lima Vieira de. Portal do professor/O tráfico de escravos africano.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.

PETTER; Margarida Maria Taddoni. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa* São Paulo: Jaime Pinsky, 2008.

_____. *Línguas africanas no Brasil*. África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 27-28: 63-89, 2006/2007.

PRANDI, Reginaldo. Dossiê Religiões no Brasil - *O Brasil com axé: Candomblé e Umbanda no mercado religioso*. Estud. av. vol. 18 n. 52. São Paulo/Dac. 2004.

PRISCO, S. Carmen. *As religiões de matriz africana e a escola: Guardiãs da Herança cultural, memória e tradição africana*. São Paulo: Praia Grande, 2012.

PROTESTANISMO E MUNDO: Uma Breve Abordagem sobre as religiões de Matriz Africana. Disponível em: <http://protestantismoemundo.blogspot.com.br/2010/10/uma-breve-abordagem-sobre-as-religioes.html>. Acesso em 09 jul. 2017.

RABELO, Miriam. *Candomblé: religião e catolicismo em um jogo de espelho*. Salvador: Afro - Ásia, 349-352. 2014.

RAIZ DO SAMBA. Disponível e Disponível em:

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15157> Acesso em: 08 jul. 2017. Acessado em: 26 de nov. 2016.

SAGATIBA, Fernando. 2015. GELEDÉS/INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/palavras-de-origem-africana-no-vocabulario-brasileiro/?gclid=CIqowKOfntACFYgJkQod6lMKAg#gs.VuH=0bY>. Acesso em 23 mar. 2015

TODA MATÉRIA: Samba disponível em: <https://www.todamateria.com.br/samba/>. Acesso em 13/07/2017.

VIANA FILHO, Luís. *O negro na Bahia: um ensaio clássico sobre a escravidão*. 4. ed. Salvador: EDUFBA: Fundação Gregório de Matos, 2008.